

# humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



(*Guia para investigadores e profissionais de comunicação*) (Gradiva, Lisboa, Abril de 2001).

Misto, pois, de obra literária - que mui agradavelmente se lê como um romance - e de ensaio científico (com abundantes notas de rodapé) sobre o Amor e a Morte, vem pejado de bons augúrios este livro de José Ribeiro Ferreira. Primeiro, porque há uma editora a abalançar-se em tais domínios; depois, porque Amor e Morte hão-de ser sempre companheiros inevitáveis do nosso terreno peregrinar!

José d'Encarnação

Saramago, José, *Ensaio sobre a Lucidez* (Lisboa, Editorial Caminho, 2004) 329 p.

### O Humanismo no Ensaio sobre a Lucidez

O *Ensaio sobre a Lucidez* é o romance de José Saramago mais marcadamente político. Trata-se de um afrontamento, que nunca foi tão satírico, ao sistema democrático. Saramago usa diálogos entre governantes, atitudes de membros do governo, tomadas de posição do governo perante a crise, para nos transmitir a ideia de que vivemos numa democracia formal, e não substancial, como o próprio autor o tem afirmado publicamente. Apesar do carácter sério que o livro encerra, o autor parece divertir-se durante a descrição de certos episódios, passagens que nos revelam um carácter profundamente satírico.

No que concerne ao título do romance, julgamos pertinente tecer algumas considerações acerca do uso do termo *ensaio*, que é, afinal, um romance. A acepção técnica do termo *ensaio* designa "(...) «uma atitude ginástica do intelecto que, repudiando o autoritarismo, pensa firmemente por si só e por si próprio. (...), o ensaio é o espírito crítico, o livre-exame» (...), o ensaio contém a discussão livre, pessoal, de um assunto qualquer."<sup>1</sup> Saramago ensaia a sua perplexidade perante um mundo onde a vivência actual se assemelha ao que se passa na alegoria da caverna<sup>2</sup> mencionada por Platão, na sua obra *A República*. O Autor tenta implicar-se pessoalmente no terrível mundo de todos.

O governo retratado no romance procura, em determinado momento, seduzir a população através da comunicação social, que serve de veículo de transmissão das suas ideologias e propósitos amorais; referimo-nos principalmente às

<sup>1</sup> Massaud MOISÉS, *Diccionario de termos literários* (4ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1985)189.

<sup>2</sup> Assim como as sombras projectadas na parede da caverna são entendidas como a realidade, também o Homem actual só vê o que quer ou aquilo que o deixam ver.

notícias "arquitectadas", que visam atribuir a culpa do "mal branco", da elevada percentagem de votos em branco, à mulher do médico. O governo instiga a população a revoltar-se contra a mulher do médico. Para conseguir alcançar esse objectivo serve-se do poder persuasivo que a imprensa escrita detém, neste caso os jornais. Deste modo, a população só vê aquilo que a deixam ver; estabelecemos aqui uma analogia entre a alegoria da caverna e a alegoria da cidade onde a acção deste romance se desenrola.

Nesta fábula dos tempos modernos - que transporta consigo um certo *Zeitgeist* - e sendo Saramago, segundo Eduardo Lourenço, o último moralista, ocorre um périplo por campos que dizem respeito à natureza humana. As situações relatadas são bastante caricatas, e nenhum pormenor é descuidado: o pânico e desnorte que a elevada votação em branco provocou no governo, em contraste com a serenidade transmitida pela população da cidade; as relações estabelecidas entre os membros do governo, bastante esmiuçadas; o papel de personagens do *Ensaio sobre a Cegueira*, que surgem novamente neste *ensaio*, nomeadamente, a mulher do médico e o cão das lágrimas.

Deparamo-nos com constantes e preocupadas cogitações sobre as relações interpessoais, sendo os exemplos mais dignos de realce: a coabitação entre o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, a relação entre o Comissário e o Ministro do interior, e a relação entre a mulher do médico e o Comissário. Em nossa opinião, as relações estabelecidas entre estas personagens são as mais marcantes, principalmente no caso da relação entre as duas últimas personagens referidas. Na primeira fase da relação, a mulher do médico e o Comissário confrontam-se, não manifestando qualquer empatia mútua. Na última fase, não se coíbem de exibir a admiração que sentem pelo carácter um do outro.

José Saramago transmite-nos, com a obra, a sua preocupação com os valores por que o Homem rege a sua conduta existencial. Somos confrontados com evoluções positivas nos comportamentos de algumas personagens, como o Comissário da Polícia, os Ministros da Justiça e da Cultura, o Presidente da Câmara. Depois da Cegueira, estas personagens alcançam a Lucidez, revelada na mudança de conduta, para melhor. As demissões dos Ministros e do Presidente da Câmara, a recusa, por parte do Comissário, em obedecer às ordens do Ministro do interior, em pactuar com o que ele considera uma injustiça, são evidências de uma modificação positiva de carácter.

A semelhança da epígrafe no *Ensaio sobre a Cegueira*, também a do *Ensaio sobre a Lucidez*. "*Uivemos, disse o cão*", exerce uma função mobilizadora, no sentido do protesto, do grito, da vontade de mudar. E é, além disso, moralizadora, uma vez que visa despertar a consciência para os problemas do mundo de hoje; visa a luta pela independência da opinião, pela salvaguarda da liberdade individual; visa a crítica à instrumentalização do Homem, que se faz acompanhar do apelo a

uma intervenção cívica, para que se cuide da democracia, para que haja uma maior força nacional.

A questão religiosa está igualmente, sob várias formas, presente no romance, o que concretamente se exprime no emprego da letra *d* minúscula, sempre que escreve: Deus. De igual modo, todos os outros títulos de cargos exercidos pelas personagens do romance são escritos com letra inicial minúscula. Tendo em conta o contexto por vezes irónico em que a palavra *deus* é utilizada, entendemos que Deus é diminuído na sua importância como sendo a Entidade providencial, reguladora dos acontecimentos e da vida humana. Não se trata de uma negação da existência Divina, mas sim de uma redução do valor do seu papel interventivo no mundo do Homem.

A semelhança do *Ensaio sobre a Cegueira*, o emprego intencional de ditados populares serve o propósito de reforçar, talvez até de tornar incontestáveis, certas ideias que nos transmite, tendo em conta que usa e enaltece a sabedoria popular. Não raras vezes, o Autor opta mesmo por adaptar os ditos ao contexto específico em que os quer inserir, ou até como forma de melhor corroborar as suas teses.

Saramago proporciona-nos, com este romance, mais uma viagem alucinante por territórios fantásticos, onde o humano surge sob um olhar diferente, mas onde o Homem é ainda o centro de todo o olhar. Segundo Sartre, também *o existencialismo é um Humanismo* e, à luz desta ideia, extraímos do *Ensaio sobre a Lucidez* preocupações existencialistas e humanistas. Quando a personagem do Comissário, numa determinada passagem, murmura para a mulher do cântaro vazio: "*É como a vida minha filha, começa não se sabe para quê e termina não se sabe porquê.*"<sup>3</sup> Estamos perante a noção do absurdo existencial, sendo que o Homem está em questão.

O Humanismo não se manteve como um movimento uniforme. O Humanismo no Renascimento não é o mesmo do Séc. XXI, mas permanece a preocupação com o que o Homem *é* e *como é*. Ao afirmar: "*vem aí um Homem novo, que não se sabe como irá ser, por isso escrevo para o presentê*"<sup>4</sup>, José Saramago exprime a sua vontade de participação cívica num mundo que "*é péssimo, não sou eu que sou pessimista.*"<sup>5</sup> Exprime ainda desejo de melhorar o mundo e o próprio Homem, através de uma escrita que não é alheia à função social da literatura.

A palavra não é o *objecto* mas um *meio* de expressão e de culto do óbvio.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> José Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* (Lisboa, Editorial Caminho, 2004) 303.

<sup>4</sup> "Magazine Literaturas", *Entrevista a José Saramago*, Lisboa, Antena 2, Abril de 2004.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> O próprio prémio Nobel é atribuído para premiar quem realiza feitos em favor, para o bem da humanidade.

Se este romance pudesse ser resumido numa só frase, ela seria: "*(...) Nasce-mos, e nesse momento é como se tivéssemos firmado um pacto para toda a vida, mas o dia pode chegar em que nos perguntemos Quem assinou isto por mim!*"<sup>7</sup>

O que há de relevo no Homem é o seu *arquétipo*, aquilo que faz dele um Ser profunda e repetidamente humano.

Depois da *Cegueira*, Saramago brindou-nos com a *Lucidez*. Será que podemos aguardar um terceiro *ensaio* sobre as alternativas aos problemas que os dois anteriores veiculam, ou será então que nos deixou tal tarefa como trabalho de casa?

António José Borges

<sup>7</sup>José Saramago, op. cit., p. 289.